



Carta do Ministro Geral

Mauro Jöhri OFM Cap

**CARTA CIRCULAR POR OCASIÃO DO 350 ANIVERSÁRIO DE
NASCIMENTO DE SANTA VERÔNICA GIULIANI**

12 de junho de 2011

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

CARTA CIRCULAR POR OCASIÃO DO 350º ANIVERSÁRIO DE NASCIMENTO DE SANTA VERÔNICA GIULIANI

(Prot. N. 00400/11)

Caros confrades e

Caras irmãs Clarissas Capuchinhas

O Senhor vos dê a paz!

1. Em 15 de dezembro de 2010, durante a Audiência Geral, o Santo Padre anunciou a abertura do ano dedicado a Santa Verônica Giuliani para recordar os 350 anos de seu nascimento, ocorrido em 27 de dezembro de 1660. Um Ano Jubilar que em 27 de dezembro de 2010 em Città di Castello foi oficialmente inaugurado com a transladação do corpo da santa, do Mosteiro para a Catedral.

Esta santa nos pertence, ela é nossa; vem da reforma capuchinha e concentra em si a imensa e misteriosa potencialidade carismática do “Espírito do Senhor e da sua santa operação”, à qual ela foi docilíssima.

Vendo os seus escritos ela parece uma santa difícil, não de nossos tempos, com uma linguagem inabitual, às vezes crua, ligada a uma mística e sobretudo a uma ascese que não compreendemos imediatamente. Uma santa que vive de penitência, de gestos de oferta, de sacrifícios, de renúncias que ela mesma procura ou lhe são impostas e frequentemente são incompreensíveis. É estranho de se dizer, e às vezes incompreensíveis até a ela, ao ponto de um dia fazê-la exclamar: eram “loucuras que o amor me levava a fazer”. Vista de perto e compreendida na sua loucura de amor, Santa Verônica é hoje como era então, a santa dada pelo Senhor para os momentos de crise da fé, para animar às obras da fé e ao amor de Cristo.

Recolhida por 50 anos no pequeno espaço do mosteiro de Città di Castello, sua vida teria ficado escondida se ela não a tivesse narrado no seu *Diário*, escrito por obediência. Um complexo de 44 volumes com 21 mil páginas, escritas com instantaneidade desconcertante, com rara sinceridade, com estilo robusto e essencial. A santa, na linha da espiritualidade franciscana, revive a Paixão e a Cruz de Cristo com a intensidade de um martírio interior, unindo a este uma extraordinária alegria.

Mesmo assim, ela é uma santa simples, que quer permanecer na sua simplicidade. Ela mesma o diz expressamente, renunciando a descrever a sua arrebatadora experiência de Deus com pensamentos precisos ou reflexões doutrinárias.

Neste ano jubilar a santa quer sair do silêncio, quer falar ao nosso coração, quer dar-nos a conhecer as insondáveis riquezas do amor de Cristo que ela vivenciou, onde se escondem todos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus (Col 2, 3).

2. Recordo as etapas principais de sua vida, que nos ajudam a fixar alguns pontos básicos de nosso carisma franciscano e da nossa necessária e contínua renovação religiosa e espiritual.

Nascida em 27 de dezembro de 1660 em Mercatello sul Metauro, no Ducado de Urbino, filha de Benedetta Mancini e Francesco Giuliani, última de sete irmãs, batizada com o nome de Orsola, desde pequena era muito vizinha e completamente voltada para Deus. Queria que todos fossem como ela... «todos me chamavam fogo» (II, 576), escreveu no seu Diário. Era decidida e resoluta: «Sou por natureza cabeça dura» (VI, 186), escreveu numa sua carta. Ela nasceu para ser guia e animadora de grupo. A fé era o ar que respirava, o alimento que consumia, tudo aquilo que fazia e pensava. Para ela as imagens sacras eram vivas. Os quadros da Virgem com o Menino Jesus eram objeto contínuo de diálogo e de amor. A mãe na casa dos quarenta anos, antes de morrer em 28 de abril de 1667, chamou as filhas e, mostrando-lhes o crucifixo, destinou a cada uma delas uma das chagas do Salvador. A Orsola, como a filha menor (tinha quase 7 anos), coube a chaga do lado de Cristo. O coração. Aqui está toda a Verônica. Aos 10 anos, em 2 de fevereiro de 1670 em Piacenza, para onde a família se transferira, fez a primeira Comunhão. «Ao receber a santíssima Hóstia – declarou – senti um calor tão grande que me invadiu toda... como se entrasse um fogo no meu coração... me sentia como que queimando, não encontrava

lugar». E se admirava que as outras meninas estivessem indiferentes, enquanto ela sentia «um incêndio que a fazia exultar» (V, 62s).

A nossa santa fez-se monja capuchinha aos 17 anos e enclausurou-se no Monteiro de Città di Castello em 28 de abril de 1677. Superara todas as provas e podia assim realizar seu ardente desejo de ser totalmente do Senhor. Quando recebeu o hábito em 28 de outubro de 1677, mudando seu nome de Orsola para Verônica, para tornar-se “verdadeira imagem de Cristo crucificado”, o Senhor lhe revelou a sua missão: «Eu te escolhi para grandes coisas; mas tu deverás sofrer muito pelo meu amor» (I, 29; V, 73-75).

3. Ainda jovem, noviça e enfermeira, agradava-lhe um grande Crucifixo exposto na parede. Não sabia afastar-se dele e muitas vezes corria para dar-lhe uma olhada rápida. Ela falava-lhe: «Meu Senhor, dai-me graças; em particular vos peço a conversão dos pecadores, o retorno dos tíbios ao vosso amor...».

Nesta escola do amor Santa Verônica tornou-se mestra. É um caminho de fé que registra numerosas datas a lembrar: o 1º de novembro de 1678, a profissão religiosa; o 4 de abril de 1681, Jesus põe em sua cabeça a coroa de espinhos; o 17 de setembro de 1688 é eleita mestra das noviças e permanece até 18 de setembro de 1691; o 12 de dezembro de 1693 em que começa a escrever o Diário; de 3 de outubro de 1693 a 21 de março de 1698 é de novo mestra de noviças; o 5 de abril de 1697, Sexta-feira Santa, recebe as chagas e neste ano é denunciada ao Santo Ofício; em 1699 é privada da voz ativa e passiva, disposição que será revogada após 16 anos em 7 de março de 1716. São os anos de impressionantes dons místicos.

Reeleita abadessa em 5 de abril de 1716, até à morte, a sua vida está iluminada pelo prodígio. Em 25 de março de 1727 escreve a última página de seu diário. Atingida por hemiplexia após 33 dias de agonia e de “puro e nu sofrimento”, ao amanhecer de 9 de julho, ela falece, não sem antes ter revelado às suas noviças e irmãs o significado da sua vida: «Vinde aqui, o Amor foi pois encontrado: este é a causa do meu sofrer». Sessenta e sete anos de fogo e de penitência, de fé, de amor e de dor, de ardor apostólico e de mística união ao sofrimento de Cristo na cruz, no mistério de seu Coração e no Coração imaculado e adolorado de Maria.

4. Santa Verônica é a grande mística da cruz e do coração. A caridade a impulsionava a querer que todos os homens pudessem beber nas fontes do amor

divino, todos sem excluir ninguém. Com o seu testemunho de oração e de comunhão com Deus ela vem ao nosso encontro para ajudar-nos e recordar-nos que a ação mais elevada é ocupar-se com Deus. Santa Verônica, apoiada na graça, viveu plenamente a essência da Regra de São Francisco que diz: «acima de tudo é preciso ter o Espírito do Senhor e a sua santa operação, e rezar sempre a Ele com o coração puro...». Ela se torna não só uma mulher que reza, mas como São Francisco, uma oração vivente.

5. Santa Verônica foi, além disso, uma grande missionária que consumou-se pela Igreja e pela conversão dos pecadores. Notamos como da contemplação de Cristo brota o ardor apostólico e missionário. É um grande princípio do nosso carisma capuchinho. Aqui a santa tem muito a dizer a cada um de nós. A sua teologia da caridade é ligada ao conceito que ela fez da Redenção: Cristo se encarnou por amor, a sua vida de pobreza e de trabalho é regida pelo amor, o seu ensinamento evangélico é, em síntese, o amor, o seu sacrifício é movido pelo amor, a sua graça é amor, o céu é amor: tudo em Cristo é amor, porque ele mesmo é o Amor.

O sonho de converter todo o mundo é a realidade da sua missão. Estamos diante de uma alma que adverte com sensibilidade extrema a ecumenicidade/universalidade da sua vocação contemplativa e de oferta. Por suas aspirações de missionária mundial e ecumênica não se escolhe um povo, mas quer o mundo todo. «Dirige-se a todo o mundo dizendo: Eia, vamos, criaturas todas, vinde comigo a Jesus. Ele é o bem infinito. Se quereis tesouros, Jesus é o verdadeiro imenso tesouro. Se quereis riquezas, Jesus é a verdadeira riqueza. Se desejais intensamente gostos e prazeres, Jesus é o sumo gosto e contentamento. Numa palavra, se ansiais todo bem, não deixai Jesus, pois Ele é tudo, é sumo e infinito bem... E vós, ó heréticos e infiéis, vinde à verdadeira fé! Jesus é fé, é esperança, é caridade; vinde a Jesus. Vinde todos e todas...» (I, 777).

6. A presença de Maria Santíssima na vida de Santa Verônica é um outro aspecto fundamental de sua mensagem espiritual e da sua experiência de santidade. Aqui também o carisma capuchinho está bem presente. É certo que a relação entre a Santa e a Virgem Mãe é imersa no mistério. Santa Verônica não fazia nada sem que antes não tivesse pedido a benção à Virgem. Ela chamava-a a cada hora e sentia a Virgem, sempre presente. Ela experimentou o amor e a dor de seu coração sob a cruz, a tal ponto que a alma da santa não era mais sua, mas

alma da alma de Maria, coração do coração de Maria. Jesus dava para sua instrução e regra o modo e a vida de sua cara Mãe. «Eu serei a tua mestra, faz tudo comigo, sem você» (IV, 306).

7. Centralidade da Eucaristia. Na clausura marcada pela solidão e pelo silêncio, a Vida estava no Tabernáculo da pequena igreja. Santa Verônica iniciava cada dia pela Eucaristia e na Eucaristia encerrava-o, precedido e seguido de noites de orações, plenas de êxtases místicos e de encontros com o Vivente. Esse é um terceiro aspecto de sua experiência espiritual que ainda interpela a nossa vida capuchinha. Verônica comprazia-se em visitas e adorações eucarísticas, diurnas e noturnas, pessoais e comunitárias, deliciava-se particularmente com a celebração eucarística.

8. Se quiséssemos perscrutar o Diário de Santa Verônica descobriríamos reservas inteiras de mística missionária e de motivações ecumênicas que justificam o problema da evangelização mundial. A nossa santa concebeu o movimento missionário num período histórico devastado pelo Jansenismo, como um movimento de amor: foi precursora da pequena, mas grande santa missionária, Teresa de Lisieux.

A conversão dos pecadores e a evangelização que Santa Verônica tanto buscava com seu austero caminho de penitência, exigem a conversão daqueles que creem em Jesus Cristo, Salvador do mundo. A urgência dos cristãos de hoje, era a urgência de Santa Verônica. Urgência da nova evangelização que se torna fecunda somente se cada um de nós, se cada cristão se renova e se deixa renovar no espírito e no seu estilo de vida.

9. Irmãos caríssimos, reacendamos a chama do nosso carisma no amor incandescente de Santa Verônica. A celebração de seu Ano jubilar nos convoca e nos interpela. Como tornar atual e “contemporânea” Santa Verônica Giuliani? Estamos diante de uma forma de santidade que, por alguns aspectos, é inimitável, eu concordo: a “agressividade” de Verônica em buscar a penitência mais dura e mortificante como resposta a um convite da amor e de colaboração que o Cristo lhe dirige, não é para todos; ela parece estranha aos nossos costumes e longe da nossa hodierna sensibilidade. As nossas Constituições nos recordam que “O espírito de penitência numa vida austera é característica de nossa Ordem; pois, escolhemos uma vida dura a exemplo de Cristo e de São Francisco” (Const. nº. 101,5).

10. Concluindo quero recordar-vos que o ano jubilar por ocasião do nascimento de Santa Verônica Giuliani está intimamente ligado com um outro jubileu: o VIII^o Centenário da fundação das irmãs pobres de Santa Clara. Para vós, caras irmãs clarissas capuchinhas, este é um outro apelo forte para viver integralmente e com alegria o carisma da Santa Mãe Clara, que Santa Verônica abraçou com todo o seu ser.

O duplo ano jubilar é também motivo de alegria partilhada entre todos os que se baseiam em Francisco de Assis e no seu carisma e do qual cada um recebeu o próprio estilo de vida. Se hoje a alegria é evidente entre vós, irmãs clarissas capuchinhas e nós, frades menores capuchinhos, estamos conscientes de como o franciscanismo está, em analogia com um tríptico, particularmente belo e apreciado, formado de três tábuas: frades, irmãs clarissas e membros da Ordem Franciscana Secular. Todas igualmente necessárias e importantes e que não podem ser lidas separadamente, mas uma sempre está ligada à outra. Ai de nós se a frei Francisco faltasse a sua “plantinha” Clara (FF 524) e do mesmo modo, seria triste se faltasse a Clara “o nosso beatíssimo pai Francisco” (FF 2824), mais ainda, ai de nós, se viesse a nos faltar irmãos e irmãs “que segundo a própria condição de vida” seguem Francisco (FF 385). Este é o motivo para uma profunda e alegre comunhão.

Certamente não faltarão os momentos celebrativos comuns, mas considero como sendo o aspecto mais belo da nossa comunhão, do sentir-nos irmãos e irmãs num único carisma, a intensidade do caminho que as duas Ordens, ao mesmo tempo unidas e independentes, estão fazendo diante de Deus, o Altíssimo. Como? Para explicar-me eu recorro a uma imagem que me é cara: subindo um regato em busca da fonte: vós irmãs por uma margem e nós frades por outra! E o fazemos cada um por sua própria conta e ao mesmo tempo, porém estamos profundamente unidos pois ambos nos encaminhamos para Deus, o “Pai Celeste”, expressão cara a Francisco e a Clara, que com o seu infinito amor nos atrai a Si.

A comunhão no viver de maneira diferente e todavia igual, a mesma forma de vida, em união espiritual e abraçando um estilo de vida simples e pobre, é a modalidade que dá vida a bela amizade que unia Francisco e Clara: chamados cada um a viver a própria vocação na clareza de papéis distintos e na comunhão de amor pelo mesmo Senhor. Nesses tempos em que se tende a misturar tudo e

onde parece não ser mais possível falar de amor senão onde há fusão de papéis beirando a confusão, nós somos chamados a dar um simples e vibrante testemunho de uma comunhão que não teme a distinção e sabe reconhecer a complementaridade.

Poderá acontecer e acontece que nós, frades da primeira Ordem, vejamos a vós, caríssimas irmãs, na vossa essência como recolhidas, livres no mistério de Deus, mestras da pobreza que na oração conduz inevitavelmente à contemplação. “Guardá-lo, considerá-lo, contemplá-lo, desejando imitá-lo!” (FF 2879), escreve Santa Clara a Santa Inês de Praga falando de Cristo, seu amadíssimo Esposo. Nós vos imitaremos para aprender a não cair no ativismo, condição que traz consigo a superficialidade que é o oposto da contemplação. Capazes de fazer tantas coisas, mas talvez incapazes de imitar Cristo e de fazer frutificar o seu anúncio. Vós, caras irmãs, escolhidas para uma vida contemplativa recordai que não é possível imitar sem olhar, considerar e contemplar (Cf. John Corriveau, Carta Circular nº. 27).

Santa Verônica, fiel discípula de Santa Clara, ajude-nos a repetir as suas próprias palavras para dizer: “Todos unidos amemos o Sumo Bem.”

Frei Mauro Jöhri
Ministro Geral OFMCap

Roma, 12 de junho de 2011,
Solenidade de Pentecostes.

